



NUGS TERRITÓRIO DE AFETOS

Mariana Ricateri

Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de São Paulo - IFSP,
Campus Caraguatatuba
marianaricateri@gmail.com

Rosa Amélia Barbosa

Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de São Paulo - IFSP,
Campus São Roque
rosa.barbosa@ifsp.edu.br

Resumo

O ensaio propõe uma reflexão sobre a trajetória e a importância do Núcleo de Estudos sobre Gênero e Sexualidade (NUGS) no Instituto Federal de São Paulo (IFSP) como espaço de resistência, formação e produção de saberes plurais. O texto contempla o termo “esperançar”, de Paulo Freire, e o “amor político”, de bell hooks, como prática política e pedagógica de transformação social, destacando a potência do coletivo e da ação feminista dentro das instituições educacionais. A partir de uma perspectiva crítica e decolonial, o NUGS é compreendido como um entre-lugar que tensiona estruturas patriarcais e cisheteronormativas, afirmando o amor como ação política e o conhecimento como instrumento de emancipação. O texto reafirma o papel do núcleo na consolidação das políticas de gênero e sexualidade no IFSP e na construção de uma cultura institucional mais inclusiva, ética e democrática.

Palavras-chave: NUGS; gênero e sexualidade; esperançar; amor político, educação.

NUGS TERRITORY OF AFFECTIONS

Abstract

The essay reflects on the trajectory and significance of the Center for Gender and Sexuality Studies (NUGS) at the Federal Institute of São Paulo (IFSP) as a space for resistance, education, and the production of plural knowledge. It discusses Paulo Freire’s concept of *esperançar* and bell hooks’ notion of “political love” as political and pedagogical practices of social transformation, emphasizing the power of collective and feminist action within educational institutions. From a critical and decolonial perspective, NUGS is understood as a “between-space” that challenges patriarchal and cisheteronormative structures, affirming love as a political act and knowledge as an instrument of emancipation. The text reaffirms the nucleus’s role in consolidating gender and sexuality policies at IFSP and in building a more inclusive, ethical, and democratic institutional culture.

Keywords: NUGS; gender and sexuality; *esperançar*; political love; education.



Esperançar...

Verbo criado por Paulo Freire que não significa apenas esperar, mas *agir com esperança transformadora*, de unir sonho e ação, ação e reflexão no mundo. Fala sobre *práxis*.

Tantas coisas para lutar. Tantas lutas para que, ao menos, o mínimo seja garantido a todas as pessoas. Respeito, justiça, liberdade, equidade. Direitos consagrados pela Constituição Federal do país, mas ainda longe de serem efetivados na prática da vida cotidiana.

Diariamente, a miséria, a injustiça, o racismo, o sexismo e a LGBTQIAPN+fobia são escancarados. E nos acostumamos. Acostumamos aos espaços de privilégio, mesmo que pequenos, mesmo que limitados a especificidades do cotidiano que não dizem respeito a todas as pessoas. Acostumamos às violências contra as vidas, contra corpos, contra aqueles grupos que são colocados como outro. Grupos que não compreendemos enquanto sujeitos, enquanto seres do mesmo ecossistema, da mesma cosmologia.

Temos muito a fazer.

Esperançar...

Olhar o mundo de forma que possamos ser mais justas e mais éticas.

O espaço escolar é carregado de valores e práticas sociais. Se estes violentam os corpos, as escolas não estão imunes.

É desse espaço que falamos. Um lugar onde abordar esses temas é um tanto incômodo, mas há quem ainda chame de polêmico.

Com anos de construção e lutas, grupos minoritários da sociedade conseguiram (ou melhor, conseguimos) avanços. Não foram muitos, e nunca é demais lembrar que conquistas não são permanentes. Aos trancos e barrancos, algumas leis de garantia dos direitos foram criadas. A formação escolar com base em direitos humanos é discutida e, por vezes, implementada. Dizemos “por vezes” porque, comumente, esse trabalho encontra tanta, tanta resistência que nem sempre temos forças para romper com o sistema social e historicamente construído, com as mazelas estruturais, e sucumbimos à mediocridade da reprodução ou, ainda, nos tornamos “neutras” às pautas – lembrando que a neutralidade não é possível, pois

todas as ações humanas, inclusive as educacionais, estão impregnadas de valores, crenças, interesses e visões de mundo. O que se torna uma posição política¹.

Quando falamos sobre gênero e sexualidade, então!? Muitas polêmicas, crenças e desconhecimentos. Em meio ao emaranhado dessas questões e diante de uma conjuntura política avassaladora, ousamos. E não ousamos pouco, ousamos frente ao Núcleo de Estudos sobre Gênero e Sexualidade do IFSP, o popularmente conhecido NUGS. Isso porque esperar para nós, mulheres, é sempre preciso: não se trata de escolha, mas de necessidade.

O espaço onde o NUGS opera no IFSP é para nós um entre-lugar. Ao mesmo tempo que é poesia, é dor. Enquanto abraça, também é alvo de ataques. Do mesmo modo que acolhe, luta para sobreviver, na mesma linha tênue em que vivem os corpos dissidentes que são seu cerne, resiste; porque é necessário. É sobre viver institucionalmente sem reconhecimento, sem orçamento próprio, sem ser pasta em qualquer que seja a gestão, sem valorização para o planejamento das atividades formativas institucionais. Vivemos na contramão. Vivemos na margem. Somos a fronteira. Mas daqui, dos campi, somos o abraço carinhoso das pessoas que são os corpos abjetos² da sociedade que mata. Talvez porque toda instituição evoca o que a sociedade reverbera.

Como resistir e enfrentar o mar de conservadorismo moral que está arraigado em nossa estrutura social?

Não é fácil. O que podemos afirmar é que o coletivo é importante!

Quando se decide estar ao lado de pessoas que olham para o mesmo sul³.

Esperançar...

Sem dúvida, ser mulher, servidora e atuar frente ao NUGS no IFSP é desafiador. É se confrontar com o machismo institucional cotidianamente, e pior, com a internalização da cultura de culpabilização da vítima como modus operandi (nos casos de tantas violências) por esse silêncio de fazer perdurar os sistemas interligados de opressão, como bem nos ensinou bell hooks (2019).

O patriarcado é misógino. O machismo institucional na academia (e também no IFSP) é tão intenso, é tão comum, que se naturalizou, e a violência contra as mulheres deixou de ser levada a sério. Pouco se fala. Quando algo se diz, tem a ver com algum tipo de assédio sexual,

¹ Paulo Freire (1968/2022).

² Judith Butler (2002).

³ Contrapondo o termo norte, nortear. Conceito utilizado por Paulo Freire com base nas observações de Marcio D'Olme Campos. (Freire, 1992/2025)

mas daí a tratar das violências psíquicas, das violências cotidianas, das interrupções contínuas, da apropriação corriqueira de ideias, da invalidação da capacidade, da não representatividade (olhe para nossa história de pró-reitorias e verás) é pedir demais.

Ainda assim, é preciso esperar.

Nós, mulheres servidoras, não podemos falar pelas estudantes. Nós podemos falar com elas. Essa é uma das muitas razões que nos motivaram a enfrentar o desafio de coordenar o NUGS neste biênio. Manter firme e ativo um núcleo que dialoga diretamente com as estudantes, coaduna forças para colocar as mulheres na luta. Precisamos somar coro em nome da libertação feminina, da libertação coletiva, construindo análises estruturais das forças que nos oprimem, em busca de autenticidade e autodeterminação. Porque o simbólico afeta a realidade.

Isso vale não só para as mulheres, vale para todos os corpos minorizados. O trabalho político que o NUGS reivindica de nós, pessoas comprometidas com a autorrealização total⁴ de cada corpo dissidente no IFSP, é que ideias não são neutras, que ensinar de forma a libertar e expandir a consciência, despertar, emancipar, é desafiar a dominação em sua própria essência. É isso que Paulo Freire chama de “educação como prática de liberdade”.

Esperar...

Mulheres feministas engajadas com um Núcleo de estudos sobre gênero e sexualidade no IFSP incitam olhares de repulsa, incitam falas atravessadas, incitam experiências múltiplas que atravessam nossos corpos por sermos mulheres. Ainda assim, vale reiterar que somos feministas porque o feminismo pretende transformar a sociedade erradicando o patriarcado, acabando com o machismo e a opressão sexista, desafiando as políticas de opressão em todas as frentes.

Só no coletivo podemos forjar propostas para emancipação de todos os corpos, de todas as pessoas. “O corpo é, ele mesmo, um espaço de luta política, atravessado por uma série de regimes de poder, que lhe constituem não apenas como um objeto de dominação e controle, mas também como um espaço de subversão” (Bortolini, 2023, p. 46).

Tudo o que propusemos nesse período: reorganização e atualização do site (<https://www.ifsp.edu.br/nugs>), curadoria do material, publicação de materiais como cartilhas, indicações de curtas, produção audiovisual – filmes, séries, animes e documentários, plataformas, conteúdo sobre linguagem inclusiva, legislação e muitos babados fortíssimos

⁴ bell hooks (2019).

sobre as análises das pesquisas e projetos em andamento compõem uma teia da rede de pessoas que fazem o NUGS ser o que é: um lugar de encontros, de camaradagem, de trocas e saberes plurais que se conectam para falar de gênero e sexualidade, sim! Essas produções são a materialização da *práxis* (ação + reflexão), transformando a "esperança passiva" em ferramenta de gestão institucional. Produzimos ciência com compromisso ético, socialmente referenciado e, acima de tudo, com amor – amor como ação política, como bem ensina bell hooks. O amor político aqui não é afeto romântico, mas a decisão ética de não silenciar diante das violências psíquicas e da invalidação da capacidade das mulheres na academia.

Com o NUGS somos capazes de reconhecer saberes cotidianos, familiares, íntimos e domésticos, os saberes situados e subalternizados como potência expressiva simbólica e material. Esse reconhecimento é por si só descolonizador. O NUGS no IFSP tensiona as assimetrias culturais, políticas e sociais, agencia a memória institucional, problematiza imagens e histórias, fazeres e operações políticas, simbólicas, reais. A ação descolonizadora do núcleo transita por diferentes tempos e espaços, oferece bases para nos voltarmos a outras temporalidades, valoriza a cultura e a sabedoria de todas as pessoas, saberes e organizações múltiplas que não se limitam às determinações cisheteronormativas.

Buscamos, nesses anos de coordenação, evidenciar que ler, pensar, questionar e se emocionar com o que o NUGS é capaz de mobilizar no IFSP são continuamente atos de resistência ao processo de objetificação e auto-objetificação dos corpos. Tentamos apontar possibilidades, reconhecendo que todas as pessoas são convidadas a assumir protagonismo e pensamento crítico.

Compreendemos que a materialidade do conteúdo condensa o "amor como uma ação", nas palavras de bell hooks (2020b, p. 260), sem quaisquer tentativas de romantização, é o que o NUGS propaga. Ou seja, a forma como veicula, compartilha pensamentos de afirmação da vida sem que haja relutância em abraçar a ideia do amor como uma força transformadora. Aprendemos com bell hooks que amor é uma coragem do coração: "como país, precisamos reunir coragem coletiva e encarar que o desamor em nossa sociedade é uma ferida." Se o desamor é a ordem do dia no mundo contemporâneo, falar de amor pode ser revolucionário.

Ao colocar em prática esse propósito, precisamos desnaturalizar muita coisa que nós mesmas reforçávamos e reproduzíamos (reitero, é contínuo!). Nesta perspectiva, entendemos que não basta apenas descolonizar a mente, é preciso reaprender a "sensibilidade compartilhada", "desenvolver um modo crítico de ser espectadora".

A análise interpretativa, que é contínua, permite contestar as opressões instrumentalizadas no campo dos saberes. Sendo a produção de conhecimento uma tarefa política, concordamos com Carla Akotirene (2020, p. 131) ao afirmar que "a intelectual não é apenas alguém que lida com ideias, mas alguém que aciona ideias, transgredindo fronteiras discursivas porque vê a necessidade de fazê-lo".

Nessa perspectiva, o NUGS acolhe, produz conhecimento, transgride espaços estruturais colonizados e colonizadores, defende direitos e faz política pública. A política pública de gênero representa, assim, um importante avanço nas lutas e causas feministas, dos movimentos sexual e de gênero, buscando compreender o direito social como conquista de grupos que transformaram suas necessidades em direitos socialmente reconhecidos (Vianna, 2015).

Para além de um coletivo de acolhimento, o NUGS configura-se como um dispositivo de política pública interna. Sob essa perspectiva, o "afeto" deixa de ser uma categoria puramente subjetiva para tornar-se articulador de uma política que tensiona as estruturas institucionais. Como dispositivo, o núcleo intersecciona a gestão e a base, transformando demandas de corpos dissidentes em ações concretas. Essa atuação não se limita à reprodução de normas, mas à criação de uma *práxis* de resistência que reconhece saberes subalternizados como componentes essenciais da produção científica e educativa. Assim, o território de afetos consolida-se como um espaço de governança ética, onde o "amor político" é a ferramenta que viabiliza a transição de uma neutralidade ilusória para uma cultura institucional efetivamente democrática, inclusiva e comprometida com a emancipação coletiva.

O percurso do NUGS no IFSP reafirma que políticas de gênero e sexualidade só se consolidam quando incorporadas à cultura institucional como práticas permanentes de formação, acolhimento e transformação. A *práxis* freiriana e o amor político de bell hooks nos inspiram a seguir produzindo conhecimento comprometido com a vida e com a justiça social. Esperançar, nesse contexto, é continuar — resistindo, educando e reconstruindo caminhos de emancipação coletiva. Esperançar é verbo que se conjuga na coletividade. É o gesto de quem insiste em existir, de quem resiste e reinventa o mundo todos os dias, dentro e fora das instituições. O NUGS é, portanto, mais do que um núcleo: é um território de afeto, de luta e de produção de sentidos outros, que tensionam o instituído e afirmam a vida em todas as suas expressões. Que o futuro do NUGS siga sendo um ato de esperança em movimento.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Ó pa í, prezada**: racismo e sexismo institucionais tomando-bonde nas penitenciárias femininas. São Paulo: Pólen, 2020.

hooks, bell. **Anseios**: raça, gênero e políticas culturais. Tradução Jamille Pinheiro. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

BORTOLINI, Alexandre. **É pra falar de Gênero Sim**: fundamentos legais e científicos da abordagem de questões de gênero na educação. Brasília, 2023.

BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista Estudos Feministas**, n. 157, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 35ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 82ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

VIANNA, Claudia Pereira. O movimento LGBT e as políticas de educação de gênero e diversidade sexual: perdas, ganhos e desafios. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. 3, p.791-806, jul./set. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1517-97022015031914>
Acesso em: 21 out 2023.